
Semiótica das estruturas sociais*

Lucas Calil**

Resumo: O prolongado debate sobre o *fazer semiótica* frente à própria historiografia da disciplina e às demais ciências sociais se vê fragmentado em duas frentes: a primeira é a reorganização da semiótica enquanto profissão e método de análise; a segunda busca desenvolver, a partir da teoria já estabelecida, novos recursos de pesquisa e compreensão dos processos de construção do(s) sentido(s). Parte dessa bifurcação, portanto, a proposta para este artigo, com o entendimento de que há espaço na atual literatura semiótica para uma abordagem sobre as condições gerais anteriores ao ato enunciativo – cujas bases e regulações socioculturais delimitam as estratégias passíveis de reprodução, modificação e potencialização do(s) sentido(s) em sociedade. Em ponte obrigatória com a sociologia, esta proposta de modelo organizacional pressupõe quatro argumentos-chave: a reflexão atualizada de Fontanille (2015) sobre as *formas de vida* e a estratificação do sentido por reprodução e estabilização, adotada como ponto de partida; a concepção de *semiosfera*, conforme Lotman (1999); e os procedimentos coletivos de difusão semiótica – as pontes de interlocução entre os grupos sociais –, com base em Granovetter (1973); e de *relações de capital*, segundo Bourdieu (2015), que alinham as práticas, valores e *regimes de crença* em desigualdade de poder e propagação.

Palavras-Chave: formas de vida; sociologia da semiótica; semiosferas; capital cultural e econômico; estruturas de propagação.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.171906> .

** Coordenador de Linguística e professor da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV DAPP) e coordenador do DAPP Lab (Laboratório de Métodos Digitais), RJ, Brasil. Mestre e doutor em Linguística pela Universidade Federal Fluminense. Endereço para correspondência: calil.lucas@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0411-2865> .

Memory believes before knowing remembers. Believes longer than recollects, longer than knowing even wonders.

William Faulkner

1. O projeto semiótico

A literatura contemporânea absorve o *fazer semiótica* como eixo integrador de uma bifurcação epistemológica: de um lado, encontram-se os pesquisadores, de agora e de antes, em debate persistente sobre as *funções, os papéis e as propostas* que a própria semiótica deve empreender para apresentar melhor leitura sobre os fenômenos socioculturais contemporâneos, sobretudo a partir da emergência da internet, das mídias sociais e da globalização como bases inescapáveis da reorganização populista (e perigosa) das sociedades democráticas.

De outro, encontram-se os pesquisadores que desdobram esforços para incorporar, à semiótica, recursos de análise que assegurem capacidade científica de leitura dos fenômenos de digitalização e de expansão do objeto de pesquisa clássico do método greimasiano, para além do aforisma fabular que não vê solução que não esteja *dentro do texto*. Muitos, como Fontanille (2016) e Rastier (2017), compartilham da inquietude frente ao mundo pandêmico e de difícil abordagem pelas ferramentas habituais do *percurso gerativo de sentido*, alternando-se entre publicações propositivas, quanto ao *método*, e contemplativas – quanto ao lugar ideal da semiótica enquanto ciência, campo de atuação profissional e em relação com as demais ciências humanas e sociais (e os objetos que estudam).

Inegavelmente, já se vê estabilizada na historiografia da semiótica, desde Hjelmslev, a consolidação de um modelo universal, gerativo e bem delineado de estudo do sentido – a partir do recorte hipotético e igualmente bem delineado de um *corpus* identificável, a exemplo de uma pintura, de um romance ou de uma peça publicitária. Não faltam à semiótica os mecanismos metodológicos para a *interioridade* do objeto textual. A bifurcação que alimenta o debate atual, contudo, deriva de duas questões principais: a insatisfação do pesquisador quanto aos objetos de hábito do *fazer semiótica*, insuficientes em uma realidade semântica calcada no processamento de dados e informações em larga escala; e o desejo por organização do método para que se aproxime das imperativas condições de pesquisa e estudo de objetos não artísticos, afastando-se do domínio do *texto*, em leitura *stricto sensu*, para a compreensão de práticas e fenômenos sociais.

É dessa perturbação ocupacional que deriva o desenvolvimento – fundamental – de aperfeiçoamentos à caixa de ferramentas de que a semiótica

dispõe, em especial sob os raciocínios de matiz sociológico, fenomenológico e antropológico de autores como o já citado Fontanille, Landowski (2012) e Zilberberg (2011). A névoa de imprecisão quanto ao espaço que o *fazer semiótica* deve ocupar como base científica e de compreensão do mundo sensível, no intervalo dos demais campos do conhecimento, despertou o pensamento propositivo para o estudo das relações sociais, das culturas e da cotidianidade sob ótica linguística, a partir da construção social do(s) sentido(s). Sim, em disputa inevitável de poder com a sociologia e a antropologia, mas com imenso potencial de se complementar a essas e incorporá-las ao método.

Também é dessa perturbação ocupacional que deriva a proposta deste artigo, que se propõe a complementar a bifurcação pela qual a semiótica hoje envereda com um questionamento julgado relevante: uma vez que se admite a busca por novas soluções e estratégias de abordagem metodológica dos objetos sociais, faz-se preciso que haja, igualmente, a construção de uma abordagem epistemológica que leve em consideração a *anterioridade* ao ato enunciativo e aos fenômenos coletivos e objetos das culturas – e que permitam a existência da enunciação. Sob esse paradigma, lança-se o desenvolvimento inicial de uma reflexão teórica sobre as condições de reprodução, modificação e potencialização do objeto semiótico *em sociedade*, que em nada se modifica em relação ao pressuposto de Greimas: o(s) sentido(s).

Quatro componentes integram-se para essa proposta: a longa reflexão sobre a noção de *formas de vida*, com base em Fontanille (2015), e elemento central de partida; a ideia de *semiosfera*, a partir de Lotman (1999) – e desdobrada também por Fontanille (2015); o modelo sociológico de organização das relações e práticas sociais de Granovetter (1973), convertido em *modelo de organização das relações de propagação discursiva em redes sociais*; e a hipótese estrutural de Bourdieu (2015) de posicionamento das relações sociais de influência, poder e impacto exercidas pelo *capital cultural* e pelo *capital econômico* como binômio do comportamento de grupos em distinção enquanto sociedade integrada e dividida por equivalências e desigualdades de práticas, valores e anseios.

A escolha de autores (e obras) para esse desenvolvimento obedeceu, primariamente, a duas justificativas: a complementaridade argumentativa que se apresenta como pertinente, uma vez que Granovetter e Bourdieu objetivam organizar fenômenos sociais de comunicação a partir das *regras estruturais de domínio e expansão dos discursos (e que são inerentes a esses)*, sem que haja, na leitura de ambos, posição contraditória frente aos desdobramentos metodológicos próprios à semiótica; e a contribuição epistemológica dos conceitos elencados — sobretudo, relações de capital e laços fracos — para a abordagem dos processos sociológicos que interferem sobre a semiose, para além da enunciação. As *condições de disseminação e prevalência dos discursos*,

enquanto incorporadas à literatura semiótica atual, podem prover substantivo apoio à reflexão sobre as formas de vida e como essas se posicionam e competem no âmbito das coletividades.

2. Formas de vida e semiosferas

A análise *macroscópica* de diversos objetos, na reflexão sobre um conjunto de objetos linguísticos dotados de estruturas internas semelhantes – no que concerne à narrativa ou à figurativização discursiva –, ganhou considerável espaço já no fim da década de 1980, quando a questão se apresentou em *Semiótica das paixões*, de Fontanille e Greimas (1993), e em *Da imperfeição*, de Greimas (2002), após as contribuições de Floch (1985) para formalizar categorias gerais de análise do plano de expressão. A identificação inicial de efeitos de sentido culturalmente reconhecíveis, dentro de recortes sociais relativamente estáveis, conduziu ao embate – em retorno a Hjelmslev (1978) – entre a *imanência* e a *transcendência*.

Também a partir de Hjelmslev, a aglomeração sintagmática de signos cede lugar ao *todo de sentido*, inclusive para satisfazer a premissa metodológica de que a semiótica deve operar sobre quaisquer sistemas linguísticos, e não apenas sobre o verbal, cujo significante detém linearidade. O percurso gerativo de sentido se propõe, portanto, identificador dos aspectos gerais da narrativa, a partir da observação propiana de que há regularidade no caráter operatório entre sujeito e objeto. O próprio percurso gerativo de sentido, de certa forma, funciona sob a lógica da dedução, como sistema dotado de aspectos gerais e previsíveis que conduzem aos elementos particulares – Norma Discini (2013, p. 185), em notável ensaio, adverte que o percurso “é um modelo de análise e de previsibilidade que apreende de maneira fina generalizações sócio-históricas”. Ou seja, a condução ao conjunto e à estabilização, embora não pareça pertinente à semiótica, é fundadora dessa.

Anos depois, é com Fontanille que se formaliza uma contribuição metodológica que, no plano científico, exacerba a reflexão a propósito dos limites da imanência e apreende o recrudescimento do objeto semiótico, respeitando a hierarquia dedutiva do percurso gerativo – ou seja, sem eliminar o rigor formal da análise de objetos. E, para fazê-lo, recorre à filosofia de Wittgenstein, emprestando a ideia de *formas de vida* do exíguo *Investigações filosóficas*. O livro elíptico de Wittgenstein, publicado pela primeira vez em 1953, pouco desvenda o que o filósofo imaginava como “forma de vida”. São poucos os excertos em que a expressão é usada, sempre em contiguidade com a ideia de *jogos de linguagem*: “Certo e errado é o que os homens *dizem*; e os homens estão concordes na *linguagem*. Isto não é uma concordância de opiniões mas da forma de vida” (Wittgenstein, 2012, p. 123, grifos do autor).

A reflexão de Fontanille organiza-se a partir do questionamento sobre o melhor método, inerente à estrutura greimasiana, capaz de comportar e clarificar o papel da instabilidade e da estabilidade na construção de sentidos, identificando na imanência e no plano de expressão lacunas para a precisa análise de objetos complexos, codependentes de outros pelas relações culturais que produzem, agigantam e julgam os discursos. A noção semiótica de *formas de vida* se desenvolve pelo esforço epistemológico e filosófico do autor em entender, no seio da humanidade, o papel sócio-histórico na configuração interna do texto, sem abdicar das premissas centrais da *imanência*.

Uma formalização anterior delineada por Fontanille (2005) procedeu à criação inicial de um *percurso gerativo de expressão*, escalonado em seis diferentes níveis de pertinência, partindo do acento de sentido mais elementar do processo de semiose, a figurativização, em direção ao universo cultural que abarca e conduz esse processo, sob a regência do *ethos* e de uma estrutura de comportamentos sociais aceitáveis, passíveis de rejeição e competitivos. Fontanille (2005, p. 16) considerava que, enquanto os níveis de pertinência de conteúdo já são suficientemente estabilizados na semiótica, há uma névoa opaca sobre a expressão e a *experiência semiótica* – que precede a enunciação em ato e organiza a apreensão sensível do objeto. Tributária da cultura, a “relação existencial com o mundo significante” por vezes acaba sublimada pelo recorte de um objeto em isolamento com outros – dos quais não prescinde para a realização plena dos efeitos de sentido. Então, em retomada de Hjelmslev, o autor argumenta que a própria passagem da semiótica do signo (domínio da figuratividade) à semiótica do objeto funciona como escalada necessária do nível de experiência do plano de expressão – como se a substância da expressão adquirisse corpo funcional a partir do formalismo hjelmsleviano.

Com a adição do conceito de *formas de vida* e a criação dos níveis de pertinência do plano de expressão, o *objeto semiótico* se expande aos limites das práticas e estratégias de manifestação enunciativa em livre circulação pelas sociedades. O autor estabelece que, na ascensão de níveis, é preciso considerar “as propriedades sensíveis e materiais” (2005, p. 18) de cada nível no plano superior, que aglomera os anteriores. E, em último nível, as práticas, comportamentos e ações do sujeito em sociedade são subsumidas por *formas de vida* culturais:

Do ponto de vista do plano da expressão, uma forma de vida é a deformação coerente, obtida pela repetição e pela regularidade do conjunto das soluções estrategicamente adotadas para ajustar as cenas predicativas entre elas. (Fontanille, 2005, p. 31)

A interpretação de Fontanille é de ordem filosófica. O cânone de análise semiótica de objetos, pelo percurso gerativo de sentido, não se modifica abruptamente com a delimitação de seis (signo, objeto, situação, prática, cena predicativa e estratégia) níveis de pertinência do plano de expressão. O que muda é a visão fenomenológica e pragmática acerca da delimitação de objetos e do escopo de estudo, *conferindo um princípio coletivo ao que se mantém, contudo, imanente*, já que persiste a ideia de que os efeitos de sentido emanam das articulações internas ao enunciado. Os *jogos de linguagem* de Wittgenstein metaforizam a parábola do xadrez saussuriano – no qual o valor de cada peça obedece ao valor das demais em determinado recorte sincrônico –, com a proeminência da cultura sobre certas práticas e comportamentos que adquirem regularidade – e, por isso, são facilmente compreendidos e aceitos.

Mais recentemente, Fontanille (2015) – na abordagem de base para este artigo – reorganizou o esquema de níveis de pertinência, propondo a substituição do “percurso gerativo de expressão” por “*percurso gerativo da imanência*” para desdobrar a reflexão sobre as práticas sociais que interferem na enunciação. Entretanto, o elemento principal da renovação metodológica de Fontanille não reside no que é operacional, porque persiste a ausência de um sistema analítico da imanência em molde semelhante ao do percurso gerativo do plano de conteúdo, mas no refinamento de um ponto elementar de reflexão: a atuação de diferentes *formas de vida* na constituição do discurso.

A partir da reorganização da ideia de *formas de vida* em contiguidade ao percurso gerativo da imanência, Fontanille articula ambas as noções com a concepção de *semiosfera*, conforme Iuri Lotman – em *Tensão e significação*, Fontanille e Zilberberg (2001) já enxergavam papel de destaque no conceito de Lotman. O autor russo interpreta as semiosferas como organizações coletivas, ou seja, supraindividuais e regidas pelas diferentes línguas e culturas, nas quais repousam sobre o *centro* as estratégias mais respaldadas e difundidas e sobre as *periferias* as inovações, os discursos controversos e as estratégias emergentes; o contato entre as diferentes semiosferas ocorre na interseção de periferias. Sob essa organização sociocultural, Fontanille (2015, p. 260) reafirma que o contato de diferentes estratégias, subsumidas por formas de vida, representa o duelo abstrato entre *nós* e *eles*, e que as “*formas de vida* são constituintes das semiosferas”. Ou seja: se uma determinada estratégia de enunciação, prolongada no espaço e no tempo, obtém relevância, pode aos poucos penetrar no centro da semiosfera, adquirindo status de *cânone*.

Com a conversão de percurso gerativo de expressão em *percurso de imanência*, apaga-se a ideia de que a proposta de Fontanille é um contraponto metodológico ao esquema clássico da semiótica greimasiana. O raciocínio conceitual do autor, com os níveis de pertinência, é anterior aos procedimentos de análise habituais – que permanecem, desse modo, devotados ao objeto

elementar *texto*. Enxerga-se essa premissa no entendimento de que as formas de vida integram os diferentes níveis de pertinência (2015, p. 7-8), portando os valores e princípios condutores que fazem coerentes todos os outros planos de imanência. Essa, por esse foco, retém a obrigatoriedade da manifestação textual, mas sem o limite arbitrário de um único (ou poucos) objeto(s) recortado(s) dentro de um universo de objetos – esse objeto, agora, é partidário de um *nós*, enquanto o objeto insólito, que subverte as formas de vida predominantes em determinado contexto sociocultural, é do grupo dos *eles* inovadores. Um estilo de vida existe, semioticamente, porque é “deformado com coerência” em um objeto atrelado a uma (ou mais) forma de vida – com a articulação de categorias de expressão, cuja coerência é obtida pela *reprodutibilidade*, e a manifestação semântica de efeitos de sentido específicos.

Fundador da escola russa de semiótica de Tartu, Lotman, ao definir a *semiosfera*, estabelece parâmetros de associação entre a morfologia de funcionamento do mundo natural – e das formas biológicas dotadas de vida (na biosfera) – e o universo de comunicação da humanidade. Argumenta que (1999, p. 9-11), ao contrário do pressuposto cartesiano de que a melhor observação de um fenômeno é obtida pelo isolamento (e replicação) desse fenômeno, de forma que haja a configuração de um modelo, a comunicação humana não se dissocia de um universo de linguagem, no qual os participantes já devem, previamente, partilhar de um conjunto de informações – “a experiência semiótica precede o ato semiótico” (1999, p. 12).

Sob esse raciocínio, Lotman infere que o espaço semiótico de comunicação consiste, efetivamente, no espaço cultural das linguagens, no qual as línguas verbais e os sistemas não verbais interagem, com mais ou menos poder e influência sobre determinados códigos – leis, normas, costumes, práticas de certos grupos –, a partir de dois princípios: a assimetria e o binarismo, ambos delimitadores da relação entre *nós* e *eles*. A assimetria se define pela diferença de signos linguísticos que se articulam por identidades e oposições, própria de estruturas binárias (Lotman, 1999, p. 10).

Nesse espaço semiótico, modulado ainda pela *heterogeneidade* – pressuposta pela assimetria e pelo binarismo –, convivem, com maior ou menor grau de coerência interna, as diferentes manifestações culturais e linguísticas de uma dada sociedade. Todos suscetíveis a processos de mudança, emergência e desaparecimento, como, recorda Lotman, é próprio da biosfera, que sofre eternamente alterações em espécies e ecossistemas:

[...] por todo o espaço da semiose, dos jargões dos diferentes grupos sociais à gíria dos adolescentes e à linguagem da moda, vemos igualmente uma constante renovação dos códigos. Assim, cada linguagem é imersa em um espaço semiótico específico, e ela só pode funcionar pela interação com esse espaço. A unidade de

base da semiose, o mecanismo ativo mais reduzido, não constitui uma linguagem separada, mas a totalidade do espaço semiótico de uma dada cultura. É esse espaço que denominamos “*semiosfera*”. (Lotman, 1999, p. 11)¹

Consolidada a concepção de semiosfera, Lotman procede ao estudo dos contrastes que interagem dentro desse espaço cultural. De acordo com o autor, a convivência entre hábitos e formas de expressão ocorre pela interlocução, entre esses grupos, por intermédio de mecanismos de *tradução* (Lotman, 1999, p. 13), mas não em *stricto sensu* – e sim *tradução* como entendimento, em escala oscilante (entre absoluta compreensão e absoluta incompreensão) de interação, pelo ato semiótico, entre as distintas linguagens e práticas. Por isso a semiosfera é assimétrica:

A assimetria aparece claramente como o elo entre o centro da semiosfera e sua periferia. Ao centro da semiosfera, se formam as linguagens mais desenvolvidas e estruturalmente organizadas, e em primeiro plano a língua natural de certa cultura. (Lotman, 1999, p. 16)²

Ao sintetizar o espaço semiótico, Lotman garante a esse espaço – “esférico” – propriedades de ordem posicional, conferindo à centralidade da semiosfera o reduto das linguagens mais estáveis e “bem desenvolvidas”, de ampla abrangência, enquanto as linguagens e subsistemas à beira da extinção (hábitos de vestuário, formas literárias e estilos pictóricos, por exemplo) e em emergência (inovações) se localizam na periferia da semiosfera. Tal ótica espacial justifica o uso de *tradução* como a interlocução entre as diferentes linguagens, dado que a centralidade, na semiosfera, condiciona a conexão ampla com os demais pontos da esfera – enquanto, na periferia, a conexão com o resto da esfera é limitada por uma perspectiva metafórica (e geométrica).

3. Semiosferas e laços fracos

Uma remissão à sociologia, no entender desta proposta, ajuda a complementar o raciocínio de Lotman. Em 1973, Mark Granovetter, da Universidade de Stanford, na Califórnia, publicou o artigo *The strength of weak ties* na revista científica *American journal of sociology*. No ensaio, que ainda no século XXI é um influente objeto de estudo em diferentes campos das ciências

¹ Tradução própria de: “[...] à travers tout l’espace de la sémosis, depuis les jargons des différents groupes sociaux et l’argot des adolescents jusqu’au langage de la mode, l’on assiste également à un constant renouvellement des codes. Ainsi chaque langage se trouve-t-il immergé dans un espace sémiotique spécifique, et ne peut-il fonctionner que par interaction avec cet espace. L’unité de base de la sémosis, le mécanisme actif le plus petit, ne constitue pas un langage séparé mais la totalité de l’espace sémiotique d’une culture donnée. C’est cet espace que nous nommons ‘*sémiosphère*’ ”.

² Tradução própria de: “L’asymétrie apparaît clairement dans le lien entre le centre de la sémosphère et sa périphérie. Au centre de la sémosphère se forment les langages les plus développés et structurellement organisés, et en tout premier lieu la langue naturelle de cette culture”.

humanas e da natureza, Granovetter argumenta que em *redes sociais* – compostas por pessoas em processos de relações compartilhadas – um “laço forte” é obtido apenas em conexões pessoais primárias, com amigos e familiares próximos, e os dois pontos desse laço precisam de elevado esforço de manutenção dos relacionamentos interpessoais. No entanto, quando há um laço secundário, partilhado por uma das pessoas, mas não pelas demais de uma rede social restrita, esse laço é “fraco”, mas necessário para a divulgação de uma ideia, de um processo inovador ou de uma estratégia enunciativa, porque permite que o escopo de influência de um certo ator ultrapasse o raio restrito de laços fortes. Por isso a *força dos laços fracos*:

Intuitivamente falando, isso significa que qualquer difusão pode alcançar um número maior de pessoas e cruzar uma distância social superior (i.e. comprimento do percurso) quando transmitida por laços fracos em vez de fortes. Se alguém conta um rumor a todos os seus amigos próximos, e isso é provável, muitos ouvirão o rumor uma segunda e uma terceira vezes, uma vez que aqueles ligados por laços fortes tendem a compartilhar amigos. Se a motivação para a difusão do rumor é esmorecida um pouco a cada onda de novas divulgações, então o rumor que se move por laços fortes tende muito mais a se limitar a alguns grupos que se fosse conduzido por laços fracos; pontes não serão cruzadas. (Granovetter, 1973, p. 1366)³

Conforme Granovetter, os laços fracos são *pontes* – porque representam o principal ponto de contato entre dois sujeitos – e, pela concepção figurativa de pontes, permitem a difusão dentro de uma rede mais ampla. Nesse estágio da reflexão de Granovetter, ocorre notável equivalência com o pensamento de Lotman no que concerne à espacialidade (em um caso, de uma *rede social*; em outro, de uma *semiosfera*). Também o sociólogo entende que a expansão e a adesão a uma estratégia inovadora – como o lançamento de um novo medicamento (Granovetter, 1973, p. 1367) – dependem da aceitação por personagens centrais ou periféricos dessa rede, sendo que, quando a iniciativa é muito inovadora, como um remédio de baixa segurança ou com uma elevada margem de falibilidade, inicialmente apenas atores periféricos se empenham em propagá-la (a partir de laços fortes de uma comunidade fechada e pouco influente). A maior adesão acontece quando atores ao *centro* da semiosfera, uma vez atingidos por pontes – os laços fracos –, conhecem a iniciativa inovadora, que passa por um estágio de reconhecimento e aceitação. E, quanto mais estável

³ Tradução própria de: “Intuitively speaking, this means that whatever is to be diffused can reach a larger number of people, and traverse greater social distance (i.e., path length), when passed through weak ties rather than strong. If one tells a rumor to all his close friends, and they do likewise, many will hear the rumor a second and third time, since those linked by strong ties tend to share friends. If the motivation to spread the rumor is dampened a bit on each wave of retelling, then the rumor moving through strong ties is much more likely to be limited to a few cliques than that going via weak ones; bridges will not be crossed”.

e consolidada uma iniciativa, melhor é a adesão no seio da comunidade, porque a quantidade de laços fracos é muito mais vasta:

Podemos inferir que, uma vez que a resistência a uma atividade arriscada ou desviante é maior que a uma normal ou segura, um número maior de pessoas precisa ser exposta a ela e adotá-la nos estágios iniciais, antes que se dissemine em uma reação em cadeia. Indivíduos com muitos laços fracos são, por meus argumentos, melhor posicionados para difundir uma inovação difícil, posto que alguns desses laços serão pontes locais. (Granovetter, 1973, p. 1367)⁴

É pertinente a correlação entre Granovetter e Lotman – e, por conseguinte, entre a sociologia e a semiótica –, porque os dois modelos abordam o mesmo fenômeno: se, para o sociólogo, o objeto são as relações sociais, para o autor russo essas relações só ocorrem por intermédio da linguagem, sendo que, para ambos, o percurso de alcance, repercussão e compreensão de fenômenos sociais (linguísticos) opera por lógica bastante similar, inclusive no que se refere ao binarismo, à centralidade e à assimetria. Lotman (1999, p. 41-54) explica que, no processo de conexão entre culturas, a mudança na estabilidade em um determinado período resulta de um intenso escambo de objetos, e esse intercâmbio simboliza a *riqueza* da cultura “receptora”. Lotman lança mão de dois exemplos históricos (1999, p. 46): a Itália do Renascimento, beneficiada pelo enorme volume de contato com outras culturas, potencializado pelo comércio, e o Iluminismo na França, que assumia protagonismo na Europa. Nos dois períodos, os países receptores absorveram intensamente influências estrangeiras.

O que aconteceu na Itália e na França nos respectivos momentos históricos? Um reposicionamento cultural, derivado de uma proeminência sociopolítica que permitiu a *recepção de objetos estrangeiros* e a *readequação a partir de bases da cultura original*, do centro da semiosfera. A soma de diferentes contribuições periféricas, uma vez aceitas pela elite que controla a dispersão central da semiosfera, se converteu no Renascimento *italiano* e no Iluminismo *francês*. Dois períodos de riqueza cultural e de profunda mudança na estrutura estável da semiosfera de cada nação, apenas possíveis porque havia, em cada país, por diferentes fatores – geopolíticos, militares, financeiros e econômicos –, uma vasta rede de pontes (laços fracos), que possibilitaram, a cada iniciativa local e periférica, um ponto de contato com as forças centrais de cada cultura. Os laços fracos, portanto, consistem nos pontos de *tradução* entre diferentes comunidades e linguagens – frágeis, imperfeitos e não absolutos, mas necessários.

⁴ Tradução própria de: “We may surmise that since the resistance to a risky or deviant activity is greater than to a safe or normal one, a larger number of people will have to be exposed to it and adopt it, in the early stages, before it will spread in a chain reaction. Individuals with many weak ties are, by my arguments, best placed to diffuse such a difficult innovation, since some of those ties will be local bridges”.

O principal elemento operacional que permite a construção e a ampliação dessas pontes é o processo de difusão cultural, quando o que é originalmente do *outro* passa a integrar um *nós*. Há, de acordo com Lotman, inovações que não conseguem, de forma alguma, se conectar às estruturas centrais da semiosfera – são as estratégias que distorcem abruptamente as normas e os padrões socioculturais dominantes, normalmente condicionadas a pequenos grupos e fadadas ao esquecimento, a exemplo de espécies endêmicas de apenas uma localidade e que não sobrevivem a uma inserção em outro ecossistema.

Essas estratégias até podem, eventualmente, recuperar a força com a passagem dos anos, redescobertas, mas apenas porque, quando esse momento chegar, a semiosfera (e, por consequência, as estruturas centrais) estará remodelada internamente. São os “jogos de linguagem” que não admitem qualquer *tradução*, inteiramente estranhos, assustadores – e, por isso, um importante fundamento do processo de dispersão cultural elaborado por Lotman não passa despercebido: para que haja a “ruptura da semiosfera”, é preciso que, em pelo menos alguma escala, o discurso inovador *incorpore parte da estrutura de linguagem predominante* (Lotman, 1999, p. 32), a exemplo do que ocorre, por exemplo, para que um procedimento científico seja reciclado a partir do cânone acadêmico.

É a partir desse ponto inicial de ligação comum entre duas culturas e dois sistemas semióticos que é possível a uma inovação de linguagem a futura proeminência. E é sob essa perspectiva que as semiosferas, enquanto assimétricas e heterogêneas – e, portanto, naturalmente o espaço das pequenas diferenças –, se movem condicionadas não por cataclismas, mas por *pequenas revoluções* que, em paralelo com o modelo de Granovetter, são dotadas de pontes que rompem com o universo restrito de atores marginais isolados.

Quando há uma intervenção repentina sobre uma cultura, como a invasão de uma localidade por forças militares (ou a pandemia de Covid-19), inicialmente a cultura recém-chegada, ao se defrontar com uma sociedade desconhecida, impõe um novo parâmetro de práticas sociais que, para os membros da sociedade derrotada, a princípio é percebido apenas pelos paradoxos, e não pelos elos comuns. No entanto, mesmo em situações exacerbadas, como a substituição de domínio de uma cultura por outra pela força das armas, verifica-se uma fluidez de interações na semiosfera que restringe a substituição imediata das práticas sociais de maior centralidade.

Lotman (1999, p. 44-45), ao falar das condições de emergência do Renascimento, recorda que a península da região hoje conhecida como Itália, por um curto espaço de séculos, foi invadida/conquistada por diferentes povos. Todos esses povos, em sucessão, interferiram na estabilidade local (ainda que tênue) das relações culturais. E, a cada nova invasão militar, aumentava a

permanência de práticas implementadas pelas sociedades que haviam chegado pouco antes à região – um amálgama facilitado pela fragilidade. O excesso de subversões acabou provocando uma rica *mescla* de tecnologias e hábitos; a entrada agressiva de uma determinada prática no centro da semiosfera é mais forte que uma *pequena revolução*, mas sofre resistência muito maior. Quando a violação agressiva é bem-sucedida, a exemplo do neopopulismo em diferentes países a partir da eleição de políticos *antiestablishment*, o resultado é, da mesma forma, potencialmente devastador.

4. Laços fracos e relações de capital

O argumento de Lotman, entretanto, deixa lacunas quanto aos *procedimentos* que definem a mudança de uma prática social entre a periferia e o centro de uma semiosfera. Apesar da extensa relação de exemplos históricos usados pelo semioticista russo, é ausente a retificação das condições gerais de alternância entre as normas dominantes e marginais. Sobre o conceito de fronteira em Lotman, Américo destaca:

[...] primeiramente, seu objetivo [da fronteira] é limitar a invasão incontrolável dos elementos “alheios”. Em segundo lugar, alguns dos elementos “alheios” são selecionados, filtrados e adaptados (ou traduzidos) para a linguagem da semiosfera em questão. (Américo, 2017, p. 9)

Na ponderação sobre os limites de influência de cada semiosfera, abundam as relações binárias: alteridade (nós e eles), ordem (organizado e desorganizado), *ethos* (homogêneo e heterogêneo). Essa demarcação evidencia de forma precisa as condições de existência da semiosfera, mas não conduz à recuperação do processo de fratura na relação entre centro e periferia e entre as fronteiras.

Américo (2017, p. 11) descreve ainda, em detalhes, o percurso de penetração de uma obra *estrangeira* dentro da semiosfera: de acordo com a autora, enquanto estranhas à maior parte da sociedade, essas obras, logo no momento de contato com a cultura receptora, são reconhecidas pelo centro (pela elite) como superiores; uma vez admitidas por essa elite, fundem-se a práticas já consolidadas da cultura receptora e retornam aos polos periféricos a partir da mediação feita pelo centro.

Tal procedimento, contudo, precisa de certas condições propícias. “Para que a completa realização [da absorção] seja possível é necessária ‘atração mútua’ e condições históricas benevolentes” (Américo, 2017, p. 12). Ou seja: é possível que, em algumas situações sociais, não haja a mesma relação de reciprocidade – por exemplo, quando a intervenção estrangeira se sobrepõe sem a chancela da elite e, por isso, realiza o percurso de avanço ao centro a partir da lenta adesão de grupos situados nas periferias. Com as pontes que unem laços fracos. No caso

da invasão pela violência, a elite não só pode rejeitar o estrangeiro, como combatê-lo em contraprogramas.

As diferentes situações de interação entre centro, periferia e fronteira das semiosferas acentuam o problema sobre as condições gerais de intercâmbio dentro do espaço semiótico. Ciente da importância de debater essa lacuna, este artigo compreende que, subjacentes às relações constantes de força entre centros e periferias, há dois eixos principais de regulação social entre o surgimento de uma inovação e a absorção dessa como canônica por uma comunidade: o capital cultural e o capital econômico.

Bourdieu (2015) analisa, a partir de questionários amplos e pesquisas opinativas, as preferências e hábitos de diferentes estratos da sociedade francesa, levando em consideração a hierarquia de classes sociais do país e as práticas coletivas para situações cotidianas, como a alimentação, as opções de vestuário e o consumo de arte. A partir dos resultados coletados, que apontam as variações de preferência entre cada subgrupo quanto às práticas coletivas, o sociólogo elaborou uma estrutura geral de definição do *gosto* social – e de como a oposição entre classes contribui com a definição dos valores eufóricos e disfóricos em jogo nas sociedades.

No modelo de Bourdieu, há sobretudo dois elementos gerais de organização das classes: o capital cultural (2015, p. 64-67; 2015, p. 78-81), obtido pelo acesso à educação, à cultura (literatura, música, pintura etc.) e à instrução formal, e que internamente é fragmentado por muitas condições de acesso (o capital cultural “de berço”, o capital adquirido pelo estudo, o capital obtido pela interação com grupos de erudição cultural...); e o capital financeiro/econômico, determinado pelos recursos patrimoniais e de renda a que as pessoas têm acesso. Também no capital financeiro há distinções entre herdeiros e de acesso ao patrimônio e ao acúmulo de renda.

Juntos ao capital social – que regula as redes de contato entre diferentes grupos, de diferentes classes sociais e níveis de capital cultural/financeiro –, os dois elementos de posicionamento dos indivíduos na sociedade demarcam as identidades coletivas e de que forma se distinguem entre si:

As diferenças primárias – aquelas que estabelecem a distinção entre as grandes classes de condições de existência – encontram sua origem no *volume global do capital* (capital econômico, capital cultural e, também capital social) como conjunto de recursos e poderes efetivamente utilizáveis: as diferentes classes (e frações de classe) distribuem-se, assim, desde as mais bem providas, a um só tempo, em capital econômico e cultural, até as mais desprovidas nestes dois aspectos. (Bourdieu, 2015, p. 107-108)

Na obra, Bourdieu apresenta as diferentes classes sociais organizadas a partir das funções profissionais, nos espaços que preenchem na hierarquia da sociedade francesa. Trabalhadores sem instrução formal e com baixos salários, portanto, encontram-se no limiar de baixo da junção entre os capitais econômico e cultural, enquanto professores e atores das esferas artísticas, mesmo não possuindo alto volume de renda/patrimônio, detêm elevado capital cultural. Próximos ao limite máximo de acúmulo global de capital estão professores do ensino superior, profissionais liberais e empresários de setores da iniciativa privada. No limiar do capital econômico, mas sem alto nível de instrução educacional/acadêmica, estão os donos de propriedades rurais.

Também são pontuadas em diferentes posições sociais referências figurativas de preferência/adesão pelas classes e subclasses que integram cada plano da organização social. Conforme os resultados obtidos por Bourdieu, encontra-se, por exemplo, maior predileção por Renoir entre os mais ricos e dotados de capital cultural, enquanto entre os sem instrução e de baixa renda as práticas coletivas envolvem alimentar-se de carne de porco, batatas e pão. A classe trabalhadora assiste futebol e rúgbi; a classe média vai ao circo. As diferentes *isotopias* relacionadas a cada grupo social demarcam, com precisão, de que forma as práticas de classe se diferenciam a partir de narrativas comuns – como o lazer, a música, o esporte, as refeições e o consumo.

Há forte e bilateral correlação entre os detentores de capital cultural e financeiro, com estreito vínculo entre o acúmulo de um e o acesso ao outro. O sujeito que, de herança, possui recursos financeiros está em condições excepcionais de conseguir o lastro da educação formal – um diploma –, pôde visitar museus e frequentar espetáculos teatrais. Com o elevado nível de formação intelectual, está em melhores condições de conseguir um emprego de boa remuneração. O sujeito que não obteve boa educação formal por causa da situação familiar, uma vez que acumula capital financeiro e social, pode fazer com que as futuras gerações estejam em melhor posição cultural. Essa relação de forças, para Bourdieu, orienta as práticas e costumes sociais que são reconhecidos como dignos de apreciação por quem tem capital global e reiterados para as demais classes como *desejados*.

Nesse jogo de aquisições, há dois movimentos de manipulação: das elites para as demais classes, o recurso social de competência é por um *dever*; das demais classes em relação à elite, por um *querer* (ainda que seja um *querer ser* ou um *querer parecer*). As duas esferas de capital respondem em amplo espectro pelos mecanismos que fazem com que, na fricção entre centro e periferia nas semiosferas, seja possível a penetração de uma prática cultural marginalizada no plano central e, da mesma forma, a dispersão de uma centralidade por zonas periféricas. Quando Lotman argumenta que a *tradução* a partir do estrangeiro ocorre pela pronta adesão a uma inovação de fronteira, isso ocorre porque existe

uma equivalência entre grupos de alto capital global em dois espaços de semiosferas diferentes – ou seja, uma identidade. A relação centro-centro existe em função das oposições entre duas sociedades e igualmente entre as posições de capital que ambas possuem.

Outro componente importante das interações sociais reiterado por Bourdieu é a maleabilidade das narrativas e das práticas. O sociólogo posiciona, em relatividade, figuras ligadas às práticas de cada grupo (alimentos, *hobbies*, preferências artísticas) sem que, simultaneamente, defina uma linha específica de restrição ou bloqueio entre os grupos. O elemento de gradação, sem a rigidez de esferas ou linhas excludentes, demarca a *tendência* de identificação com as figuras e as práticas, sem fechá-las ao espaço rico de intercâmbio sociocultural. Ou seja: o modelo de relações de capital não é um fim em si próprio ao referendar profissões, valores e classes sociais, mas sim um panorama abrangente que acomoda um sem-número de subdivisões e mesclas coletivas.

O mecanismo de *tendência* ressalta ainda o estado permanente de mudança entre as posições culturais. Se não há fronteiras bem estabelecidas, considera-se possível que as práticas de um determinado grupo possam se reposicionar, seja pela aquisição por uma classe de menor capital global, seja pelo reconhecimento entre as elites de uma prática de apelo popular. O futebol, incorporado como engrenagem de grande potência econômica, é um excelente exemplo de reposicionamento; primeiro a partir da força do capital econômico; e, em um segundo momento, a partir da influência do capital cultural, com a aceitação do esporte como objeto de pesquisa acadêmica em universidades.

5. Relações de capital e semiosferas

Cada prática descrita por Bourdieu recupera, no plano semiótico, uma forma de vida que, por relação de concorrência, se sobrepõe às demais em certo momento e se faz manifestada no ato social desempenhado pelo sujeito. Essa competitividade entre as formas de vida é suscetível a muitos fatores: o sujeito *working class*, por exemplo, pode *querer* se vestir em conformidade com um padrão da elite cultural, mas não detém as condições modais de performance: seja por não *saber* (o que provoca sanção negativa, com a desaprovação dos demais atores), seja por não *poder*, por limitação financeira. Sem esses recursos, a forma de vida proeminente do *social club* dos ricos não se reflete na ação narrativa do sujeito, no nível figurativo – o smoking, a gravata preta, o sapato de bom desenho, o corte de cabelo – e no âmbito das práticas – o jantar social, a educação formal à mesa, o uso correto dos talheres, a degustação do vinho.

No espaço de diferenças que rege a vida em sociedade, a manipulação do *gosto* perpetuada pelas elites, enquanto relação de forças, também é sujeita à rejeição. Cada grupo se reconhece por identidades e recorrências, mas essas só

são reconhecíveis sob as regras de quem integra o grupo como iguais. Aos membros de outras coletividades, os hábitos ressoam pela maneira como se distinguem, e o jogo de persuasão ao *gosto* não difere da manipulação conforme o pensamento original de Greimas: se os valores ofertados aos objetos – ganho financeiro, relações sociais, conjunção amorosa, avanço profissional – são atraentes para o sujeito, esse se engaja em cumprir a narrativa e adotar a prática.

Entre os fatores que condicionam a expansão de uma prática, a conversão de uma inovação em cânone e a adesão de diferentes grupos a normas coletivas, para além das regras já descritas neste artigo (pela perspectiva da semiótica e pela perspectiva das semiosferas e das relações de capital), deve respeitar como fundamento o *ponto de vista* sobre o qual se busca entender esse processo. Esse ponto de vista é demarcado, nas narrativas, pelas escolhas empenhadas pelo sujeito, pela resposta à manipulação e, no plano discursivo, pelas figuras que recobrem os valores engajados no objeto. Essa posição faz com que, no entendimento sobre as semiosferas e formas de vida, para cada prática haja um igual e um estrangeiro, uma catarse e uma inércia; e uma resistência. O que define a coletividade é a proporção de forças que atuam de um lado e de outro.

No delicado sistema de forças, duas identidades, em relação de assimetria e binarismo, se opõem, em retomada da antítese entre *nós* e *eles*, a partir da *tomada de posição* relativa entre uma centralidade e uma periferia – ambas articuladas a partir do ponto de vista do sujeito, em uma situação social particular, e a partir do estrato geral da sociedade em que o sujeito se vê incluído e organiza as manipulações por um *querer* ou um *dever*. Quando Lotman reconstrói o percurso de incorporação de um texto de fronteira pelo centro de uma semiosfera, conferindo à *tradução* desse texto uma quase imediata adesão pela elite, o que se verifica é uma relação centro-centro que, desdobrada, se faz por uma não passagem pela periferia; são centros que, embora separados por diferentes línguas naturais, se reconhecem como *iguais* sob os valores discursivos projetados no texto incorporado. Em *A grande ilusão*, filme clássico de Jean Renoir, de 1939, há belo retrato dessa equivalência entre elites: um piloto aristocrático alemão (Erich von Stroheim), após derrubar um avião francês, durante a 1ª Guerra Mundial, acolhe com educação e diplomacia os dois oficiais abatidos, um dos quais é, igualmente, um aristocrata francês (Pierre Fresnay). Ambos se descobrem ligados por relações sociais semelhantes e pelo conhecimento do inglês, língua veicular que usam para conversar. O nobre francês se vê, no inferno da guerra, em maior equivalência cultural com um adversário do que com o próprio compatriota (Jean Gabin), que é de origem humilde.

Em editorial⁵ para o jornal *The New York Times*, o articulista David Brooks faz um alerta, no âmbito da *guerra cultural* que opõe defensores do desarmamento e *gun owners*, sobre as diferentes formas de condução do debate polarizado sobre o assunto nos Estados Unidos. Em um primeiro momento, Brooks recorda que, desde o massacre na escola Sandy Hook, no estado de Connecticut, em 2012, a maior parte dos esforços legislativos frente ao acesso a armas, em vez de restringi-lo, conduziu-se em direção oposta, ampliando as oportunidades de compra e porte de armamentos. Isso por causa da força política, em muitos estados, de conservadores republicanos, cujo histórico lobby *pro guns* é financeiramente muito forte e se beneficia da intrínseca relação cultural da sociedade estadunidense com o direito à legítima defesa pessoal, previsto na Constituição.

A oposição cultural descrita pelo articulista do *The New York Times* ilustra dois elementos muito importantes do entendimento semiótico sobre as semiosferas. A adoção de um *ponto de vista* sobre a ação, etapa jamais prescindível, demarca de início as posições adotadas no enunciado e as posições entendidas como adversas – demarca uma subjetividade (mais ou menos neutralizada) intrínseca à posição que se adota, reverberando uma *centralidade* particular. A partir dessa, os demais sistemas de valores são periféricos, embora em diferentes proporções, e o alcance, o impacto e a eficácia dos enunciados são regidos pelas estratégias que a enunciação utiliza para se fazer impactante, abrangente ou eficaz. A abrangência, por exemplo, não é almejada pelo enunciatador *de nichos*, como o poeta marginal, mas é desejada por políticos que concorram a cargos de voto majoritário.

Por isso, o primeiro elemento a se compreender é o *princípio posicional* das semiosferas e da semiose. A definição de centros e periferias não admite uma estabilização eterna ou uma relação imutável; o centro é a instância semiótica do *eu* demarcado, o sistema de valores a que se submete e cuja continuidade se ambiciona; a periferia é a instância semiótica do *outro*, que contrapõe o ponto de vista admitido pela enunciação. Os focos de convergência entre ambos regulam a amplitude do discurso.

O segundo elemento é o *princípio vetorial* das semiosferas. De acordo com Lotman, o que diferencia o centro da periferia é o escopo de influência no restante da sociedade. Tentacular, o centro se espraia sobre diferentes grupos e é capaz de impactar grande número de comunidades e de definir normas e práticas aceitáveis e dignas de rejeição, enquanto a periferia, com alcance limitado, é capaz de acolher inovações e de se relacionar com as fronteiras sociais,

⁵ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/03/01/opinion/progressives-win-culture-war.html>>. Acesso em 1º de julho de 2020.

acoplando tendências e novidades. Por isso, a periferia é o espaço da subversão e da renovação, enquanto o centro está sob o domínio da regularidade.

Centro e periferia não são unicamente, dentro da semiosfera, posições delimitadas pela abrangência e pela estabilidade. O que, por fim, determina a centralidade de uma determinada prática cultural – e de um sistema de valores – é a relação de forças entre ambas as direções, cujos módulos são, para este artigo, o capital cultural e o capital econômico. A partir, exclusivamente, da concepção posicional das semiosferas, qualquer sistema de valores, pela demarcação de pontos de vista, pode se admitir como *central*.

No entanto, essa definição, isoladamente, é imprecisa: existem centros e periferias, dentro de sociedades relativamente homogêneas, porque diferentes grupos detêm volumes maiores ou menores de capital cultural e econômico, e o predomínio de força do capital global de um grupo sobre os demais com que se relaciona estabelece esse grupo como central *em relação* aos outros. Isso, de forma alguma, anula a condição posicional, mas é regente dessa. Ao mesmo tempo que a enunciação reconhece uma centralidade, admitindo igualmente uma periferia, um *outro*, sob o plano das sociedades a relação centro-periferia adquire outro montante, com o predomínio de influência de determinados grupos exercido por um sistema vetorial de forças. Ou seja: na enunciação, a definição de identidade é, por fim, aspectual; em nível mais elevado, no espaço geral de interação enunciativa, as formas de vida com maior poder de circulação e adesão nas semiosferas se sobredeterminam pelos sistemas de valores cujos aderentes possuem maior capital global em relação aos demais, e um grupo maior, mais heterogêneo e mais sólido de pessoas acaba por admitir, no ato enunciativo, uma identidade comum, um *eu* compartilhado por múltiplos atores. Um ponto de vista semelhante.

Isso conduz à consideração simultânea dos dois níveis de articulação social para a análise semiótica e a delimitação do objeto. Ainda que, em final instância, seja o princípio imanente da enunciação o regulador da *tomada de posição* do sujeito – porque esse incorpora os valores sociais e as manifestações individuais no ato enunciativo –, ambos os níveis interferem na configuração estratégica do enunciado. O mesmo sujeito, em distintas situações coletivas, pode adotar posições diferentes e, até mesmo, conflitantes.

6. O retorno às formas de vida

Em volta ao modelo de espaço semiótico concebido por Lotman, é preciso enfatizar que o autor concede elevada importância a duas questões de antigo debate para a semiótica: a posição central da língua – enquanto língua natural, sistema verbal – como condição necessária ao exercício da cultura; e os limites de identificação do objeto científico da semiótica – o *texto*. Não há, na obra do

semioticista russo, a recuperação do conceito hjelmsleviano de imanência, mas a problemática está definitivamente posta, estruturada a partir de uma oposição espacial, e não sensível ou fenomenológica. Para Lotman, o limite do *texto* é não mais que um limite de confronto por espaço, como se as estratégias fossem irradiadas a partir de um epicentro e confrontadas por paredes invisíveis, que delimitam o alcance do fenômeno linguístico.

Fontanille, na obra *Formes de vie* (2015), realiza um amplo e detalhado esforço não só de compreensão do pensamento de Lotman, como sobretudo de entendimento de fenômenos sociológicos próprios do século XXI, e exatamente por esse motivo julga necessária uma reconstrução metodológica que dê conta da materialidade da experiência humana enquanto – assim como Lotman – condicionada à materialidade das culturas e de processos sociais de interação. Essa preocupação abre o livro *Formes de vie*, no paralelo inevitável com Wittgenstein e as *formas de vida*:

[...] o nível de questionamento de que precisamos neste momento é de toda uma outra amplitude, já que se pretende apreender sob quais formas, e com que efeitos semióticos, as escolhas tecnológicas, políticas e de modelo social influenciam a transformação de nossas sociedades e culturas, concebidas como totalidades portadoras de sentidos e como repositórios de identidade para cada um de nós. (Fontanille, 2015, p. 6)⁶

A reflexão de Fontanille, portanto, apreende duas oposições cristalizadas da análise semiótica, derivadas de oposições levantadas pela antropologia contemporânea: natureza *versus* cultura e identidade *versus* alteridade, perguntando-se sobre de que forma novas tecnologias e a interferência de plataformas digitais de comunicação redefinem o *existir*. E conclui que a semiosfera de Lotman responde com precisão ao questionamento sobre a construção de sentidos na interseção entre os hábitos, práticas e comportamentos *naturais* e os mecanismos sociais de manifestação *cultural*. Na equivalência com o percurso hierárquico da semiosfera, compreendem-se as formas de vida como as estruturas nas quais a linguagem adquire conteúdo e expressão. Ou seja, as semiosferas condicionam e agregam as formas de vida, que condicionam e congregam as linguagens, com as línguas naturais em posição central (as formas de vida mais importantes de uma semiosfera).

Essa reconfiguração proposta por Fontanille é a base do projeto que, para o autor, perde a nomenclatura de *percurso gerativo de expressão*, uma vez que essa pressupõe apenas uma retificação do plano de expressão, um dos vértices

⁶ Tradução própria de: “[...] le niveau de questionnement dont nous avons besoin aujourd'hui est d'une toute autre ampleur, puisqu'il s'agit d'appréhender sous quelles formes et avec quels effets sémiotiques les choix technologiques, politiques et de modèle social influent sur la transformation de nos sociétés et de nos cultures, conçues comme des totalités porteuses de sens et comme des foyers d'identité pour chacun de nous”.

da função semiótica, em lugar de um *percurso gerativo da imanência*, porque considera o plano de imanência – *a função semiótica* por inteiro, com a articulação indissociável do plano de conteúdo. Assim, não há rejeição à proposta do percurso gerativo de expressão, mas a solidificação de que, em cada etapa desse percurso, ocorre uma modificação da morfologia do ato semiótico. Logo, em cada etapa do percurso de expressão, está *de facto* pressuposto um *plano de imanência*.

Eis a razão pela qual nós propusemos em *Pratiques sémiotiques* uma reorganização dos planos de análise, um *percurso gerativo do plano de expressão* [...]. Este percurso é, com efeito, fundado nas diferentes morfologias de expressão das semióticas-objetos, dos signos elementares às formas de vida, passando pelos textos, objetos, as práticas e estratégias. E cada um dos níveis de análise é também um plano de imanência, no sentido de que, nos limites de cada um dos níveis, a análise é contínua, mas de um nível ao outro, é descontínua [...] (Fontanille, 2015, p. 16)⁷

Na antiga formulação de Fontanille, o objeto da construção de um percurso gerativo de expressão consistia em discutir os limites da imanência a partir dos limites do recorte da análise semiótica, com a ruptura desses limites pela manutenção da *continuidade* do plano de expressão entre o signo, o *texto*, as situações semióticas, as práticas e estratégias. Via-se, para Fontanille, um conflito nessa separação entre níveis, e, uma vez que se resolvesse esse conflito, resolvia-se o plano de conteúdo, já esmiuçado pelo modelo gerativo greimasiano sob o espaço do *texto* como um dispositivo coerente de efeitos de sentido.

Um outro ponto de debate para Fontanille (2005, p. 99) consistia na reflexão sobre os processos de *repetição* e de coerência (amplitude) de determinadas estratégias que se posicionam como predominantes dentro de uma estrutura social. Faltava, por esse julgamento, um sistema semiótico que justificasse e racionalizasse, por exemplo, os usos e as práticas do metrô parisiense, conforme estudado por Floch (1985), sem a restrição individualizada dos objetos, com uma formulação unificada. A chegada ao *percurso gerativo de imanência* deriva justamente da retificação dos níveis de pertinência para ambos os planos, com agora a adoção da *descontinuidade* para expressão e conteúdo em cada nível, contanto que cada nível seja incorporado ao superior.

E, sob essa configuração, são seis os planos de imanência articulados, com as formas de vida adquirindo um status superior, englobante e como o espaço final, dentro da semiosfera, de existência da semiose, equalizada por Fontanille

⁷ Tradução própria de: “C’est la raison pour laquelle nous avons proposé dans *Pratiques sémiotiques* une réorganisation des plans d’analyse, un *parcours génératif du plan de l’expression* [...]. Ce parcours est en effet fondé sur les différentes morphologies de l’expression des sémiotiques-objets, depuis les signes élémentaires jusqu’aux formes de vie, en passant par les textes, les objets, les pratiques et les stratégies. Et chacun des niveaux d’analyse est aussi un plan d’immanence, en ce sens que, dans les limites de chacun de ces niveaux, l’analyse est continue, mais d’un niveau à l’autre, elle est discontinuée [...]” (grifos do autor).

como a *semiótica-objeto* (2015, p. 267). Na composição da semiosfera de uma determinada cultura, múltiplas formas de vida interagem cotidianamente, cada uma representando uma “fração” semântica de um comportamento de vida; as formas de vida mais efetivas e reiteradas, que possuem maior adesão e respaldo, se posicionam no centro da semiosfera, irradiando influência por outras partes mais periféricas do espaço semiótico; no entanto, mesmo em situações e grupos sociais de alcance limitado, como os movimentos artísticos pouco reconhecidos e de base incipiente, há formas de vida particulares que são amplamente reconhecíveis dentro de um espectro reduzido da comunidade, de pouca ou nenhuma interlocução com outros grupos sociais. Isso ocorre quando – em retomada de Granovetter – os laços fortes dessa comunidade são rígidos, e os participantes se situam fechados em um núcleo de poucos laços fracos de interseção com as demais comunidades. Nesses casos, certas estratégias são muito poderosas para os participantes *internamente*, mas praticamente não se aplicam, muitas vezes de forma proposital, a uma “audiência” maior.

No entanto, pergunta-se Fontanille: o que – semioticamente – faz de uma estratégia bem aceita, rejeitada ou concorrente para um grupo social? É nesse ponto que o autor faz um retorno a Greimas e correlaciona as semiosferas e as formas de vida com um elemento de base do percurso gerativo de sentido, agora retomado como ponto de partida de cada plano de imanência: a *credibilidade*, intermediada pelo que chama de *regimes de crença*.

7. Questão de sobrevivência

Toda a reflexão de Fontanille em *Formes de vie* obedece, desde o começo, a um princípio de entendimento da semiótica enquanto *existência* e enquanto estrutura de sentido que permite o desenvolvimento da *vida* – por isso, inclusive, o autor compreende que “vida”, na expressão “formas de vida”, é a manifestação do “agir comum aos homens”, de acordo com uma lógica sucessiva, consequencial e sintagmática; e a persistência do viver é regida pelas formas sociais que englobam esse “viver” (Fontanille, 2005, p. 21). A formulação do percurso gerativo de imanência atende, então, à construção não apenas de uma semiótica da cultura, mas de uma *semiótica existencial*, em que a semiose se converte em exercício da cultura dos indivíduos dentro da sociedade – em um rápido contraponto com uma antiga oposição de Hjelmslev (1978), pode-se considerar a cultura como um *sistema*, enquanto a semiose é, por fim, o *processo* de realização da cultura.

Em jogo em cada estrutura social (e cultural), desdobra Fontanille, estão sistemas de valores postos em discurso pela enunciação, com determinados valores axiologicamente posicionados como verdadeiros, críveis, e outros rejeitados como falsos ou indesejáveis. As estratégias, com coberturas figurativas

aceitáveis e modalizações estabilizadas, verificam esses valores, fazendo com que o enunciatório se reconheça, principalmente em função de fundamentos morais que são exacerbados, como a justiça, a honestidade e a privacidade. E o enunciatório precisa *crer* nos valores – que, em escala mais ou menos global, consistem em *regimes de crença* para a perseverança na vida social.

As formas de vida se fundam, entre outras determinações, sobre regimes de crença que as caracterizam. Nós já postulamos por princípio (*supra*, primeiro capítulo) que as formas de vida respondem a um regime de crença global, que as distingue dos outros tipos de semióticas-objeto e dos outros planos de imanência. A saber, um regime de crença de “identificação durável”, e a crença, em suma, em uma possível persistência do curso de vida, sob a condição de identificação de uma ou mais formas de vida. (Fontanille, 2015, p. 59, grifos do autor)⁸

Em um esforço de sintetização do complexo e amplo raciocínio de Fontanille, pode-se delinear o seguinte encaminhamento: a partir de uma primeira separação “entre iguais”, entre o universo da significação humana em sociedade – a semiosfera – e o universo das relações da natureza, que comporta humanos e não humanos – a biosfera –, há um primeiro espaço de relações sociais por intermédio da cultura que se define pela oposição primária entre “nós” e “eles”; em um segundo momento, essa oposição primária se fragmenta em práticas sociais, com base em estratégias de sobrevivência e persistência, a que os sujeitos se reportam por projeções – delimitadas pelo que pertence ao “nós” ou ao “eles”: as *formas de existência*, que possibilitam o prolongar da vida em sociedade, retificados e modulados por processos históricos que consolidam as instituições, os papéis sociais, a hierarquia e os hábitos predominantes e aceitos. Essas formas de existência são organizadas e realinhadas, dentro dos limites e variações de cada semiosfera – e no plano da *linguagem* –, em formas de vida que congregam as narrativas, os sistemas de valores e as estratégias de expressão socialmente reconhecíveis, ainda que por grupos restritos ou subgrupos de influência periférica. E o que modula *semioticamente* essa aderência a uma forma de vida (e, respectivamente, a uma forma de existência e a um modo de identificação) é a *veridicção* inerente a um regime de crença específico.

Sendo a veridicção não mais que um *fazer parecer verdadeiro*, observa-se que, se na dimensão sociológica os atos culturais operam pelo que o sujeito *admite como verdadeiro*, essa admissão decorre da construção estratégica, por

⁸ Tradução própria de: “Les formes de vie sont fondées, parmi d’autres déterminations, sur les régimes de croyance qui les caractérisent. Nous avons déjà posé par principe (*supra*, premier chapitre) que les formes de vie répondent à un régime de croyance global, qui les distingue des autres types de sémiotiques-objets et des autres plans d’immanence, à savoir un régime de croyance d’ “identification durable”, la croyance, en somme, en une possible persistance du cours de vie, sous condition d’identification à une ou plusieurs formes de vie”.

escolhas de expressão, para a produção do *efeito de sentido de verdade*. De forma que, pela estabilização e aceitação dessas escolhas, os regimes de crença são o que Greimas e Courtés (2016, p. 530) já definiam como o “entendimento tácito” (a concordância entre pares dos “jogos de linguagem” de Wittgenstein) entre os dois cúmplices do contrato, mas reposicionados em uma relação de cumplicidade muito mais vasta, entre múltiplos entes que já participaram do ato enunciativo e obtiveram sucesso na persuasão, contribuindo com a delimitação de estratégias bem posicionadas de construção ilusória da *verdade*.

No nível das formas de vida, adianta Fontanille que o regime de crença é aquele próprio da existência enquanto *um persistir* (o regime das “identificações duráveis”), que subsume no plano da enunciação o entendimento comum a muitos pares de “dois”, um enunciador e um enunciatário, compelidos a determinadas estratégias, em detrimento de outras, para que persistam. A *verdade*, por essa perspectiva, pode até “estar posta” em sociedade, mas precisa que seja *recuperada*.

A composição social assumida pelos regimes de crença e pela verossimilhança é, para Fontanille, fundada em dois eixos: a *moral*, que é determinada pelo sistema coletivo de *trocas* (2015, p. 66-67), e a *ética*, que é *intransitiva* e emana do sujeito. Quando essa rejeita a moral, é possível a emergência de uma grandeza imprevisível (o *belo gesto* que representa a fratura de cânones sociais), com a ruptura dos laços culturais que unem os sujeitos em coletividades bem estabelecidas e duradouras. O jogo entre moral coletiva e ética individual regula o comportamento dos indivíduos: “Onde a práxis coletiva petrifica os comportamentos em usos obrigatórios e em normas, a práxis individual cria seu próprio uso, em ruptura com os demais”, destaca (Fontanille, 2015, p. 66-67).

8. Notas finais

Este desenvolvimento proposto para a organização semiótica das estruturas sociais objetiva contemplar diferentes questões e complementos ao raciocínio já presente na literatura, a partir do estágio – bastante avançado – de reflexão feito por Fontanille. Enquanto repositórios da conformação dos sentidos (em presença e ausentes) em coletividade, as *formas de vida* se articulam em *semiosferas* – que integram e estabelecem as práticas e estratégias da enunciação com base em posições relativas de predomínio e subversão. A junção de ambos os conceitos é fundamental para o entendimento e recorte dos objetos de pesquisa da cotidianidade e do plano social de debate público, expandindo o escopo de interesse do modelo greimasiano para as políticas públicas – campanhas de governo, agendas legislativas, mobilizações sociais em rede – e o estudo de sistemas de valores e abordagens semânticas não limitadas ou

definidas por objetos artísticos ou dependentes de *unicidade* estrutural. O estudo de *práxis* voltadas às culturas, como agendas públicas sobre questões de direitos humanos, educação, segurança pública, em debate por milhões de cidadãos em plataformas digitais, não prescinde desse desdobramento teórico, até mesmo para que a hipótese de pesquisa e o recorte do objeto social da semiótica adquiram lastro justificável.

Nos trabalhos de Fontanille, Zilberberg e Landowski, dentre outros, repousa a preocupação principal sobre o arcabouço epistemológico da semiótica para que o *percurso gerativo de sentido* – sem anulá-lo, mas complementá-lo – seja reproduzido em objetos de natureza complexa, quanto a suportes e limitações enunciativas. Com a remissão a diferentes abordagens da sociologia, este artigo, ao integrar as *formas de vida*, os *regimes de crença* e as *semiosferas* às noções de redes sociais e às relações de capital, pretende abarcar componentes relevantes não apenas das *condições gerais das manifestações de sentido*, mas dos processos e movimentos subjacentes à semiose – as mudanças, disseminações, restrições, apagamentos e ampliações do(s) discurso(s) em sociedade.

Por isso, entende-se que há um esforço inicial em atender a uma lacuna específica da atual proposta semiótica, aproximando-a das demais esferas do conhecimento humano, em especial a sociologia e antropologia. O artigo, portanto, não esconde o interesse em responder, ainda que parcialmente, às perturbações ocupacionais que motivam a proposta, com a provisão de melhores recursos para a análise semiótica dos objetos gerais do fenômeno do sujeito em sociedade, que tanto despertam o interesse e a ambição da pesquisa atual. Com esse propósito, adicionando nova contribuição ao debate sobre o *papel da semiótica* e de como a *semiótica pode operar como método científico de análise de fenômenos contemporâneos*.

Há outros desdobramentos e adições à proposta teórica deste artigo, sobretudo quanto à leitura dos *mecanismos semióticos* de construção e subversão de objetos e práticas canônicos, com base em fundamentos de semiótica tensiva e que esmiúcem, sob o plano analítico, os processos delineados até agora: as mudanças, disseminações, restrições, apagamentos e ampliações do(s) discurso(s) em sociedade. Adicional reflexão é imperativa sobre o impacto inescapável da concepção de *poder* sobre o ato enunciativo, dado que é no *poder* que as relações sociais, as hierarquias e desigualdades estão sistematizadas. O esforço inicial, contudo, busca a apresentação de algumas proposições gerais para a composição das estruturas inerentes aos efeitos de sentido. Dessa forma, localiza-se como anterior à enunciação, condicionando-a, autorizando-a ou como força restritiva, em uma tentativa de mobilização teórica de *uma sociologia da semiótica*, obediente às condições de exercício do sujeito enquanto sobrevivência, persistência e, ao mesmo tempo, indivíduo que se faz presente no mundo. ●

Referências

- AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. O conceito de fronteira na semiótica de Lúri Lotman. *Bakhtiniana*, n. 12, v. 1, 2017. p. 5-20.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- DISCINI, Norma. O uso linguístico: a pragmática e o discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit*. Pour une sémiotique plastique. Paris-Amsterdam : Hadès-Benjamins, 1985.
- FONTANILLE, Jacques. *Significação e visualidade: exercícios práticos*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- FONTANILLE, Jacques. *Formes de vie*. Liège : Presses Universitaires de Liège, 2015.
- FONTANILLE, Jacques. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. *Estudos Semióticos*, v. 12, n. 2, 2016. p. 1-9.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial-Humanitas, 2001.
- GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American journal of sociology*, v. 78, issue 6, 1973. p. 1360-1380.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LANDOWSKI, Eric. Régimes de sens et styles de vie. *Nouveaux Actes Sémiotiques (NAS)*, n. 115, 2012.
- LOTMAN, Iuri. *La sémiotique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- RASTIER, François. De la sémantique structurale à la sémiotique des cultures. *Nouveaux Actes Sémiotiques (NAS)*, n. 120, 2017.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Abstract: The prolonged debate about *how to do semiotics* in face of the discipline's own historiography and in regards to other social sciences is fragmented on two fronts: the first one is the reorganization of semiotics as a profession and analytical method; the second intends to develop, based on the already established theory, new resources for the research and understanding of meaning(s) construction processes. Therefore, the proposal for this article is based on this bifurcation, with the understanding that there is room, in the current semiotic literature, for an approach of the general conditions prior to the enunciative act – whose socio-cultural bases and regulations delimit the strategies that can be reproduced, modified and amplified in society. In mandatory bridge with sociology, this proposal for an organizational model presupposes four key arguments: Fontanille's (2015) updated reflection on *forms of life* and meaning stratification by reproduction and stabilization, adopted as a starting point; the concept of *semiosphere*, according to Lotman (1999); the collective semiotic procedures of diffusion – the bridges between social groups –, based on Granovetter (1973); and of *capital relations*, according to Bourdieu (2015), that align the practices, values and *regimes of belief* in inequality of power and propagation.

Keywords: forms of life; sociology of semiotics; semiospheres; cultural and economic capital; structures of propagation.

Como citar este artigo

CALIL, Lucas. Semiótica das estruturas sociais. *Estudos Semióticos* [online], volume 16, número 2. São Paulo, outubro de 2020. p. 56-80. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

CALIL, Lucas. Semiótica das estruturas sociais. *Estudos Semióticos* [online], vol. 16.2. São Paulo, october 2020. p. 56-80. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Data de recebimento do artigo: 01/07/2020.

Data de aprovação do artigo: 28/08/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

